

Nota da Redacção — *As nossas antologias deste número são preenchidas com dois textos inéditos dos escritores cuja obra é analisada nos artigos precedentes.*

*De José Cardoso Pires publicamos um capítulo do seu próximo romance, ainda, provisoriamente, sem título; de Vergílio Ferreira, o primeiro capítulo do romance inédito Alegria Breve.*

*A estes autores, que tão amavelmente acederam a valorizar o nosso número com os trechos que seguidamente publicamos, a Redacção da Revista agradece a colaboração com que quiseram honrar as páginas de O TEMPO E O MODO.*

JOSE CARDOSO PIRES

## UM LAVAGANTE E OUTROS EXEMPLARES

### I

**B**EBEMOS mais um copo: o oitavo ou o décimo, não faço ideia. A Lanterna é o melhor bar da praia — e o mais caro, acrescente-se — aquele onde se pode saborear uma fatia de espadarte fumado como esta, na companhia do mais glorioso vinho do mundo, vinho das regiões arenosas do sul, seco e macio, e com um calor comedido a prolongar-se de taça para taça.

«É isto», diz Jerónimo, o dono do bar. «Este ano estamos reduzidos a meia dúzia de turistas sem vintém. Comemo-nos em família, é o que isso quer dizer.»

O jornalista que bebe comigo e com ele estrebucha num soluço:

«É a mor... morte.» Fecha os olhos, muito grave, para se recompor. «É a morte», repete. «A morte em férias.» Nova golada, e depois: «Tem muito que se lhe diga essa questão da morte em férias. Se tem. Olá se tem.»

Fresco e impecável na sua camisa de cambráia, Jerónimo está do lado de lá do balcão com o brilho atento que lhe conheço de outras tardes igualmente comandadas pelo vinho e a escorrerem, como se vê, longas e desprevenidas, ao sabor das conversas e das descobertas de ocasião. Bebe e fuma com modos repousados, e entretanto segue do alto da sua serenidade o jornalista em desespero. Entramos, penso eu, na «fase do muro das lamentações» (classificação dele próprio, Jerónimo) e a partir daqui resta só, quando muito, descobrir as variantes que um parceiro pode oferecer no jogo das crueldades do vinho. É assim, meu amigo barman?

«Todos nós», brada o jornalista; e num esticão vem-lhe outro soluço. «Chíça», murmura.

«Todos nós?» pergunto eu por perguntar; apenas para o fazer sair daquele remoinho em que se debate.

E ele, apertando o copo nos dedos, numa voz desolada:

«Todos... Eu, tu, este amigo janota... Somos mortos satisfeitos, passamos a vida a olhar para o umbigo. Devoramo-nos a nós mesmos, sabes como é? Escuta, Zé Cardoso, isso tem um nome.»

«Isso, o quê?»

«Tem um nome, gaita. Caramba, como eu estou. Cada vez tenho menos memória. Autofagia! É isso, autofagia!»

O muro, eu bem o adivinhava. Agora, encavalitado no banco alto e a roçar-se por esse muro das lamentações, o nosso convidado prepara-se para começar a arranhar as feridas da alma. Irá exibi-las («Com que verdade?») leio eu no rosto quase desinteressado do barman), guardando por certo a esperança de receber em troca outras confidências que o confortem.

Jerónimo espera e pelo ar dele posso calcular que «toma o peso ao vinho» do bebedor que tem à frente; que procura descobrir a espécie de indivíduo que o vinho vai revelar. Ou ocultar, se quiserem — pois um homem como Jerónimo conhece as mil subtilidades, rasgos inteligentes e manhas súbitas de que se servem muitas vezes os bebedores experimentados para explorarem o clima de fraqueza do álcool e imporem uma mentira.

Como num jogo, portanto. Como num esquema em que, vencida a timidez, se aceita a lei da sinceridade e da tolerância. Um jogo, não se esqueça, onde os lances das verdades confessadas podem servir de repente na mão do bebedor mais hábil para fazer aceitar a sua carta da mentira. («Os principiantes quando se embebedam preocupam-se em conhecer os homens pelas verdades das suas confidências; os tipos de maior treino não têm esse género de curiosidade, aprendem muito mais com as mentiras que descobrem do que com as verdades que lhes contam» — Jerónimo, a propósito de um frequentador de bares.)

E o parceiro aqui presente, o jornalista? Vejamos: ele está ao meu lado, sabe-se ouvido e faz o seu número de inteligência — «o falhado que tem a coragem de reconhecer os seus fracassos». Conta os seus sonhos de romancista e as misérias de uma profissão que o destruiu.

«Viciámo-nos, amigo. Amanhã quando houver possibilidades de fazer jornalismo, que sei eu? Nicles. Niente, para ser mais claro.»

Cala-se. Espalma a mão diante dos olhos, mirando-a com raiva, quase com espanto:

«A minha mão viciada. A minha mão medrosa...» Vira-a, torna a virá-la, como se a não reconhecesse, como se a denunciasses em público. «Está viciada, amigos, tem medo. Não há dinheiro no mundo que pague uma desgraça destas. Nenhum dinheiro. Nenhum, nenhum, nenhum.»

Em cima do balcão, Jerónimo prepara pedaços de pão torrado cobertos de pasta de figado. Pasta de figado e anchovas, espadarte e pimenta moída, os melhores petiscos para abrir uma bebedeira às sete e meia da tarde, hora local, em cima de uma confissão dolorosa. Que combinações (graduais) se vão seguir?, pergunto comigo mesmo. E respondo: tinto velho para já, e em copo morno se possível. Quando o sol baixa ao mastro de ré, vinho velho e recordações. Toda a gente sabe isto.

«Sirva-se», diz o meu amigo barman estendendo o prato ao jornalista. E virando-se para mim: «E tu? Não falas, não contas nada?»

## II

«Velho lavagante», respondo-lhe eu. Ele compreende, sorri.

(Dias antes, numa pescaria, tínhamos apanhado um enorme lavagante. «Sabes alguma coisa da vida destes bichos?» Jerónimo não sabia. Para ele era um crustáceo primitivo, sem requintes de cozinha. «Mais saboroso que a lagosta», acrescentara ele, «e parece que mais selvagem porque não se adapta bem aos viveiros. E disse, acho que é tudo.»

Então contei-lhe que o lavagante é principalmente um animal de tenebrosa memória, paciente e obstinado, e terrível nos seus designios. Expliquei-lhe como ele serve o safio que está nas tocas submersas, levando-lhe alimento a todas as horas, e como a sua existência anda presa a essa serpente estúpida de grandes sons, vendo-o engordar, engordar, até saber que a tem prisioneira porque o corpo cresceu demais, enovelou-se, e não cabe já pela abertura donde poderia libertar-se. «Nesse momento, fica sabendo, o lavagante servil aparece à boca da toca do safio, mas já não traz comida. Vem de garras afiadas devorar a enorme presa que alimentou durante tanto tempo.»)

«Velho lavagante», repito de mim para mim, vendo-o abrir outra garrafa. Junto de mim o jornalista continua a insultar a mão do remorso, a mão vendida, e a estudá-la à luz.

... ..  
 ... ..  
 ... ..

Não foi preciso mais nada. Sem uma palavra, sem um aceno de despedida, o jornalista da mão viciada salta do banco e abala rua fora. Vai de carreira, direito à paragem dos autocarros, mas no caminho abraça-se a um poste telegráfico e pára. Enche o peito de ar, vejo-lhe os olhos acesos, a boca mole, descaída.

«Vomitar», sussurra, quase num queixume. «Quero vomitar.»

E eu, junto daquele homem vencido e voltado para o entardecer, sonho com um vinho velho de reflexos acastanhados, um desses vinhos soberanos que escorrem devagar, que têm a brandura discreta dos anos e nos abençoam por dentro, como diziam os antigos. Hei-de ir bebê-lo daqui a nada. Quando o sol baixa ao mastro de ré... Etc., etc., etc.